

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO

DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I

Desterro--Domingo 23 de Fevereiro de 1879

N. 14

O ARTISTA

O Carnaval

Eis hoje o dia do carnaval, este tempo alegre, divertido !

Dias em que apparecem recordações do passado nessas roupas dos tempos antigos, em que se criticão os abusos das leis dos governos &, em que o povo inteiro se diverte !

Quereis saber a origem do carnaval ? Penetrae na Italia, esse paiz fecundo em tudo, lá, n'uma escola, achareis o berço do carnaval.

Arlequim e Polichinelle que volo- contem !

Quem era Arlequim ?

Era um estudante, que não tinha roupas e que com retalhos de diversos panos de cores que seus collegas lhes davão coseu calças, paletot e chapéo.

Seus collegas achando engraçada esta roupa fizeram outras iguaes criticando a delle e assim nasceu o carnaval.

Na mesma Italia é onde o carnaval apresenta o maior gosto e luxo possivel.

Quereis ver o carnaval ?

Ide á Veneza á Roma á Florença, lá

vereis o que é gosto, o que são mascara- dos !

Consta-nos que nesta cidade está muito influido o carnaval este anno.

Veremos !

Entretanto ha 4 sociedades carna- lescas que tencionão apresentar ao povo catharinense o mais bello espectáculo.

São as seguintes: Diabo a Quatro, Bons Archangos, Companheiros do Silen- cio e Homens do Seculo.

Além destas ha outras que não sabe- mos os nomes, taes como uma na Praia de fóra &.

O risonho Deus das pandigas, o—Mo- mo—queira abençoar e elevar o carna- val afim de abolir a guerra da cêra que prejudica a saúde e a roupa, e.... muitas vezes á bolsa !

Sempre é—jogo !

LITTERATURA

União do silencio

Por A. M. D.

(Continuação do n. 13)

Ahi elle disse: Chefe Supremo, de

tão poderosa União, cujos filhos tem se espalhado, qual aguia da Russia, por to- da a extenção do reino Inglez.

Hoje é o dia que vi triumphante um dos meus grandes designios, o de rou- bar a noiva do filho do Barão de Russel !

Hoje, portanto, quero dar aos outros irm. um lauto jantar, cuja licença vos venho pedir !

O chefe supremo respondeu-lhe tens ordem.

O sub-chefe retirou-se.

As 2 hs. pouco mais ou menos, na sal- la da refeição, sobre uma grande meza quadrada, preparava-se um delicioso fes- tim.

O chefe-supremo occupava a cabeceira da meza, e o sub-chefe o fundo.

Encherão-se as taças.

O chefe-supremo disse ao sub-chefe: —Amigo irm. ! Hoje é o dia de cada um contar a sua historia.

Eu vou contar-vos a minha !

« Nasci de paes pobres, de miseros camponeses da Irlanda !

Nos dias de minha tenra infancia, um fidalgo de Cornuailles tendo-se sympa- thizado de minha rara belleza, me levou á Londres.

Elle me educou como seu filho.

FOLHETIM

O FILHO DO PESCADOR

ROMANCE

ORIGINAL BRASILEIRO

POR

A. G. TEIXEIRA E SOUZA

CAPITULO III

VIVAM OS NOIVOS !

—Bebem como mil diabos (acrescen- tou outro.)

—Senhor Lucio, (dice então uma bella senhora, e mui grave) tendo lido em ma- nuscripto algumas poesias suas...

—Nem ha cousa algumas minha im- pressa, minha senhora.

—Bem o sei; mas não me fará a graça de fazer uma colchêa a um assumpto que lhe eu der?

—Não improviso, minha senhora.

—Escreverá: temes papel e tinta bem perto.

—Pois bem, minha senhora por ser- vil-a.

—Eis o assumpto;

Amo a quem não sabe amar;
Aborreço a quem me adora.

Um respeitoso silencio reinou então, e o aspirante da poesia escreveu, e leu o seguinte:

MOTE.

Amo a quem não sabe amar.
Aborreço a quem me adora.

GLOZA.

Sem um passo recuar
Bem perto vejo o meu damno !

E buscando meu tyranno
Amo a quem não sabe amar!
O que me busca alcançar
Então meus fados deplora;
Porém quando elle me chora
Com piedoso coração
Lhe insultando a compaixão
Aborreço a quem me adora!—

Os bravos, e vivas retumbarão por al- gum tempo: houve saudes agradecimen- tos, muitos vivas ao Sr. Lucio etc., etc

Finda esta algazarra, um dos nosso patuscos dice á Julião:

—O' Julião, como é aquelle verso da tua decima, que principia: « Eu cá com? » Achei graça nestê saltinhos; é bonito, homem... Eu cá com?...—

Houve muitas risadas, ditos jocosos. e alguns picantes, como sempre dizem os senhores que *chalaceão*; e mesmo algu- mas affrontas indirectas, que são levadas

Elle era rico como nem sei dizer-vos.
A ambição do dinheiro me cegou.
Os conselhos dos amigos me perderão !
Eu fui o assassino de Lord Gustavo !
Fui preso, condemnado á forca.
Tive meios de escapar á justiça; fugi !
Vaguei nas mattas 13 dias encontrei-te depois e foi então que achei um descanço nas entranhas da terra, cavando contigo esta caverna !

Eis toda a minha historia !
Tumulo e cadeia ! »
E os copos agitarão e esvaziarão-se n'aquellas gargantas criminosas.
O sub-chefe levantou-se e disse:

Irmãos !
Quereis saber minha historia !
Ah ! Ide alli no mundo do silencio, alli na morada eterna de nós todos; alli, perguntae a campá fria a historia de Mont-Joli !

Ella vos contará .
Eu fui gerado d'um casal de Arabes, fui o fructo primogenito do amor louco de dous filhos de Ismael !

Cresci no meio deste par bemaventurado, frequentei escolas e por fim fui a universidade de Vienna.

Ah ! Vienna Vienna, aquella soberba capital da Austria.

A imperiosa sultana do Danubio !

Continúa

Uma mulher n'um jardim

(Ao meu amigo J. F. Paz)

Apóllo, o rei do dia, astro luminoso, surgia bello d'entre as montanhas do oriente e espargia seus dourados raios sobre a terra que, graciosa, parecia sor-

rir-se para elle.

A verde gramma dos campos, regadas pelas lagrimas da Aurora, refletiam aos primeiros raios do sol, assimilando-se a fios de prata.

As brandas auras da manhã brincavão levemente com as flores, que exhalavão seus variados e embriagadores perfumes, como incensando ao dia que acabava de nascer.

No bosque, o canario sacudindo sua amarella plumagem, trilhava alegremente.

..

Emquanto essas bellas scenas da natureza se passavão, outra mais bella ainda, tinha lugar em um jardim.

Uma joven de dezeseis annos, bella como essas gregas de quem falla Gemelli; desceu uma pequena escada que deitava para um jardim cuidadosamente cultivado, e misturou-se com as flôres.

Seus cabellos pretos e ondedos cahião-lhe em desordem pelas espaduas, seus olhos tambem pretos brilhavão como o sol ao nascer, seus labios erão de coral, seus dentes de perola; um robor virginal lhe assomava as faces, seu seio era branco como a neve palpitante.....

Depois de ter andado por entre as flores, qual estrella radiante que offusca com seu brilho os das outras estrellas derigio-se á uma roseira e colheu um botão de rosa !...

Tinha collido a sua imagem !...

Contemplou-o por alguns momentos, e depois, com um feiticero sorriso nos labios e com o garbo de uma garça encaminhou-se para um carramanchão, sentando-se descuidosamente sobre um banco de pedra.

Ah ! se algum a visse nessa occasião julgaria por uma encantadora fada....por uma visão celeste !...

..

Levantou-se afinal e deitando um olhar de despedida sobre suas amadas flores, que parecia adoral-a, desapareceu....

E com ella desaparecerão tambem os encantos da aurora, porque o sol já começava a aquecer a terra com seus ardentes raios.

Desterro, 15 de Fevereiro de 1879.

J P

POESIAS

XI Anniversario DO

Combate do Humaytá

19 de Fevereiro de 1868.

Salve bravos soldados
Da brasileira nação !
Sempre fostes desnudados
No maior fogo da acção !

O sol que surgio lá
No Marathonense arraial,
Para nós no Humaytá
Surgio bello e festival !

Alli vós patenteastes
O valor dos brasileiros,
E deste modo ganhastes
A fama de bons guerreiros !

Alli vós vos mostrastes
Dinos filhos do Brasil
Nunca, jamais recuastes
Ao relampear do fuzil

Salve bravos d'Humaytá
Que desdenhiastes a morte
Mostrando que os filhos de cá
Formão uma nação forte !

Trovejavão mil canhões
Relampeava o fuzil
Mas além cahem legiões
Gritando « viva o Brasil. ! »

em tom de brinco nestas occasiões.

Os meus leitores mui bem terão previsto que de garrafas se não terião aqui despejado ! E de certo a alegria era já demasiada !

Tãobem os leitores muito bem sabem que toda esta funcção era por causa dos personagens que já optimamente conhecem, isto é, a madrugadora do meu primeiro capitulo e o mancebo que a seus pés declarou um terno amor. Tambem já sabem que estes dous personagens chamão-se, elle Augusto, e ella Laura, como todos a tratavão: havia pois oito dias que na matriz de S. José tinhão pronunciado seis votos conjugaes ante os sanctos altares.

Foi oito dias depois dos desposorios que Augusto convidou os seus amigos para os banquetear e assim lhe ajudarem a vasar algumas garrafas, o que desempenha-

rão optimé cum laude!

Estes mancebos, com poucas excepções, erão destes moços de que muito abundão as grandes cidade, isto é, erão alguns destes bellos espirito de educação mulhêril, em tudo effeminados, que atão com graça um lenço ao pescoço, que se vestem com elegancia, que dansão soffrivelmente um minuete, que fallão com precisão sobre materias fundas, e de muitos momentos, que são para elles, incompreensiveis mysterios, e diffusa, e eloquente sobre cousas vulgarissimas.

Findo o jantar, ficarão as damas na sala, e a nossa amavel rapaziada dirigio se a refrescar as escandecidas cabeças, que então fumegavão, em baixo de uma velha mangueira. Sigamos-lhes os passos até alli. Os nossos jovens erão dos que arrancão a má lingua o seu tanto ou quanto. Neste logar fallou-se em tudo o

que se passou na mesa; quem comeu muito, quem bebeu em demazia, quem se esquentou, quem ficou bebado, as damas que namorarão, os mancebos que fizerão côrte, a quem, etc., etc..... etc; etc..... Ora, como em todas as funcções ha sempre um bobo, e ha gente tão descarada, que se embebeda, ou finge-se bebado, para com esse pé dizer o que sabe e não sabe, mentiras, e verdades; era um tal André quem com bastante graça, desempenhava esta infame parte. Cada um por seu turno lhe fazia a sua questão, a que o obsequioso André satisfazia benevolamente com deligencia.

Continúa

Mais alem no mar a armada
Lança para a terra a metralha
E a margem enthusiasmada
Grita:—É nossa a batalha !

Tal o quadro do combate
Da terrível fortaleza.
Das mil ballas o embate,
E a chamma da raiva acceza !

J. F. Paz

S. CARNAVALESCA

OS

BONS ARCHANJOS

Cesse o doido entrudo velho,
Q'a rua transforma em lama;
E o carnaval prazenteiro
Suba nas azas da fama !

Nas faces luza alegria,
Dos labios rebente o riso;
Que só trazemos doçuras
Lá do « Floreo Paraíso ».

Si de Satan fomos filhos,
Já somos archanjos bons;
Não vimos trazer-vos sustos,
Só, porém, celestes dons ?

Q'importa fôsse lagarta
A borboleta gentil,
Si ella brincando no espaço
Nos derrama encantos mil ?

Tudo cõ o tempo se muda,
Com gradual transição;
Sempre caminha o progresso,
Só para estulto chavão !

No chamado « entrudo santo »
Transformou-se a bacchanal:
Como o não querem mudado
No moderno carnaval ?!...

Não soffrem q'a negra concha
Produza perlas nitentes ?
Caminhar ! jarretas velhos !
E vinde folgar contentes !

Do Acheronte horrendo e turvo
Não vimos trazer-vos aguas;
Em mar de divinas luzes
Afogamos vossas maguas !

As ruas corremos ledos,
Derramando o gozo, a paz;
Sómente os q'entrudo jogam
São filhos de Satanaz !

Velhos, velhas, moços, moças,
Achegai-vos às janellas
As casas brilhem faceiras,
Vinde ver cousinhas bellas !

Não vimos da plaga escura,
Onde habita o rei sanhudo;
Nós somos os iris celeste,
Nuncio da morte e do novo !

No alegre rodar dos carros,
Nas bellas cores das vestes,
Nas harmonias da banda
Achareis visões celestes !

Vinde, velhas regressistas !
Não rezeis o *credo em cruz* !
Que somos nós « Bons Archanjos »
Nadando em celica luz !

Cesse o doido entrudo velho,
Q'a rua transforma em lama;
E o carnaval prazenteiro
Suba nas azas da fama !

O CARNAVAL

Seja o limão supplantado
Pela máscara jocosa
Surge a lentejoula altiva,
A cêra foge medrosa.

Pela feliz mocidade,
Guiada pelo bom fado,
No meio da hilaridade,
Seja o limão supplantado

O sorrizo d'alegria
E da ventura mimosa
Vem trazido n'este dia
Pela máscara jocosa !

Sempre alegre barulhenta,
—Criança bonita e viva,—
De gôso e gloria sedenta,
Surge a lentejoula altiva !

Do carnaval a carêta
Festival e jubilosa,
Não achando onde se metta
A cêra foge medrosa !

O CARNAVAL

Aos srs. Membros da sociedade Carnavalesca « Diabo a Quatro » especialmente ao Ilm. Sr. Director da mesma, Major Camillo José de Sousa

E' bello o Carnaval! tem attractivos,
E' ruidoso festim,—mostra alegria,
E' bello o Carnaval, desterra maguas,
Encantos elle tem,— tem poesia!

No louco afan de simplice brinquedo
Nos mostra enthusiasmo vivo, ardente:
Apollo vem d'ali, d'ahi *Euterpe*
E *Terpsicore*, que assomão de repente!

E' bello o Carnaval, que a jovens peitos
No meio do prazer e da ventura,
Vem hoje prestar gosos e recreios,
Mostrar-nos seu primor, sua doçura!

As Nymphas do Desterro dão realce
Ao quadro encantador de vivas cores
Do bello Carnaval,—e o que seria
Um immenso jardim sem lindas flores ? !..

O Carnaval

Poesia offerecida á

S. C.

HOMENS DO SEculo

Tudo sorri á belleza
Da brazilia natureza
Neste dia encantador !
Tudo só diz—amor,—
Festejando o carnaval,
Este tempo jovial
Das alegrias em tudo,
Do jogo do entrudo,
Das noutes de poesias,
Dos bailes, das alegrias,
Das conversas dos amantes,
Dos espectaculos brilhantes
Dos salões illuminados,
Para os bailes preparados !
Tudo entã louvores
Canta hymnos de amores
Ao pandigo carnaval
Deste anno festival !
De nossos—Homens do Seculo
Viva a sociedade !
Viva a mocidade
De nossa pandiga cidade !

Desterro, 23 de Fevereiro de 1879.

J. F. Paz

Aos srs. Membros da Sociedade carnavalesca « Os Bons Archanjos », especialmente á sua illustre Directoria.—

Está morto o velho Entrudo,
Sôou-lhe a hora final:
Já renasce prazenteiro
O festivo Carnaval !

Brinquem moças e meninas,
Que ora é tempo de folgança,
Hajão cantos e harmonias,
Versos confeitos e dansa.

Visto como o velho Entrudo
Tem aspecto sepulchral,
Flôres, versos e confeitos
E' mais bello é mais moral.

O contrario não se prova
Com razões mesmo á martello...
Viva, viva o Carnaval,
Animado, grato e bello !

Por um seu convidado.

O CARNAVAL

Poesia por

A. M. D.

A nascente mocidade
De nossa pequena cidade
Pandiga, alegre e festival
Festeja o —carnaval.
As flores do amargal
Deste anno o carnaval
Saúdam alegres, mimozas
Juntando canções garbosas.

Nada esquece o carnaval
Deste anno jovial
Tudo são divertimentos,
Nas pandigas discernimentos.
A bella joven já sente
O—carnaval ridente,
Trazer-lhe seu bello amante
Trajando roupa galante !
O carnaval no Brasil
Ostenta-se sempre gentil
Como as rozas do pomar
Que a Aurora vem animar.
Hajão festas alegrias,
Pandigas e poesias
Viva o bello carnaval
Venha alegre, festival !

NOTICIARIO

OLIVA MONCOUSI, O REGICIDA HESPANHOL

SEUS ULTIMOS MOMENTOS

Apezar dos esforços empregados por muitas pessoas, pela familia do réu Oliva Moncousi, e até pelo proprio representante do ministerio publico que informara favoravelmente, não conseguiram o indulto para elle. O rei D. Affonso mostrava-se inclinado a conceder-lhe o perdão; mas o conselho de ministros, presidido pelo Sr. Canovas del Castilha, votou que não era conveniente conceder-se-lhe, e n'esse sentido foi ordem ao tribunal competente para mandar executar a sentença.

Para satisfazer a curiosidade dos leitores, somos forçados a extrahir das folhas madrilenas alguma cousa dos tristes promênôres com que elles referiram os derradeiros momentos d'aquelle desgraçado lastimando, no interesse dos altos sentimento de humanidade, que o facto se desse.

Sendo-lhe novamente intimada a sentença, o réu Oliva foi na vespera mettido na capella segundo o uso. Tem esta apenas tres metro quadrados. No altar vê-se a imagem da Senhora das Angustias, e a direita, entrando um colchão em que o réu pôde descansar durante o tempo que alli o conservam. Quando os padres entraram, o réu ajoelhou por varias vezes o depois pediu licença para passear na capella, o que fez encostado a um d'elles.

A Presença das autoridades, que tinham que ir á capella, não perturbou Oliva, no entretanto este pediu que não entrasse alli mais ninguem e fizeram-lhe esta vontade. Quando se viu só, eontam os padres, ajoelhou de novo e soltou esta phrase:

—Filha da minha alma.

Era de certo a lembrança dolorosa da sua filha querida, de quem a lei implac-

vel e a obsecção da politica o afastava para sempre. A hora do jantar pediu para que lhe fizesse companhia um preso seu amigo, catalão. Este veio jantou mas Oliva não comeu quasi nada.

De uma das phrases, que elle dirigiu ao seu companheiro na prisão, tomaram nota:

—Hoje tão juntos, e a manhã tão separados...

A' noite fez-se a declaração da quarta parte das esmolas recebidas durante o dia, e em seguida Oliva mandou lavar o testamento, que assignou com firmeza declarando que desejava que sua esposa herdasse a parte que lhe coubesse.

E inscreveu tambem o seu nome no livro dos réus condemnados a pena ultima. Realizaram-se estas formalidade, que devem sem duvida aggravar as dores dos pacientes.

Na conversação com o chefe da cadeia o réu disse-lhe:

—Quando hontem esteve aqui minha mulher, ella parecia-lhe triste?

—Sim, respondeu o chefe.

—Coitada.

A mulher tentara por vezes fallar ao réu, mas tinham-lhe prohibido a entrada por ser contrario aos usos. Nem essa consolação lhe deram !

Quando o juiz do processo entrou na capella, Oliva disse-lhe que desejava beijar-lhe a mão, e beijou-lh'a comovido.

O juiz tambem se mostrou sensibilizado ante esta scena.

Proximo das onze horas um dos padres perguntou o Moncousi:

—Não quer deitar-se um instante?

—Para que ? E' cedo. Tenho muito tempo para descansar.

Contaram-lhe as pulsações. Não tinha menos de 125 por minuto. A prostração era geral. Abatido por ella, Moncousi cahiu sobre a cama. A' meia noite pedia e tomava um caldo, e minutos depois adormecia.

A' uma hora despertava mais abatido.

Ergueu-se, porein, encostado ao sacerdote, e passeiou.

—E' muito triste a minha situação!...

Que hora é ?

Ouvindo a resposta a esta ultima pergunta, Moncousi continuou:

—Vale pouco este mundo a que chamam valle de lagrimas ! Como correm rapidas as horas :

Ao romper do dia, as primeiras autoridades de Madrid foram visitar o réu.

As 4 horas a prostração do paciente era menor. Um dos sacerdotes disse missa a que elle assistio com serenidade commungando em seguida. Depois disserão mais duas missas na capella.

Entre as seis e as sete, começaram na cadeia os preparativos para a execução.

O carrasco punha em ordem a capa,

dos justicados; e os irmãos da Paz e Caridade dispunham-se para a sua missão.

O réu conservára-se silencioso.

O carrasco entrou na capella, e dirigindo-se ao réu:

—João Oliva perdôa-me ?

Ouvindo estas palavras o réu ergueu-se da cadeira onde se conservára com um livro de orações ante si e lançou-se nos braços do carrasco dizendo-lhe:

—Sim perdoo-te !

—E sabe quem sou, e a triste missão que tenho que cumprir ?

—Advinho—o reblicou Oliva. És o verdugo és a expressão o executor da lei.

Sentou-se depois o réu para que o carrasco lhe tirasse a grilheta e lhe puzesse as algemas. Em seguida vestiu-lhe a alva.

Soaram as 8 horas. A lugubre comitiva pôz-se a caminho do cadafalso.

Ao passar pela sala dos presos moços estes saudaram Oliva, cantando o tradicional *salve*, segundo a *Correspondencia*.

O réu foi levada em uma carruagem de aluguel, que o esperava á porta da cadeia.

Acompanhavam-n'o dous sacerdotes.

Numeroso povo cercava a porta da cadeia e afastava-se com silencio sepulchral para dar passagem á carruagem.

Nas ruas do transito havia tambem extraordinaria multidão agglomerada.

O réo até o patibulo não soltou muitas palavras, embora no seu rosto se notasse menos perturbação.

E subio ao patibulo sem grande esforço, ouvindo attento as palavras de conciliação que lhe dirigiam os capellães da cadeia.

O momento da execução foi as 8 horas e 40 minutos.

O verdugo cumprio o seu barbaro dever.

Oliva deixára de existir.

Ext. Da *Gazeta de Noticias*.

ANEDOCTA

UM SONHO

Um jogador de lansquenet, tendo quasi amanhecido no jogo, onde perdera uma somma avultada, recolhendo-se á sua casa traspassado de sommo, foi deitar-se immediatamente. A's 8 horas da manhã a sua escrava levou-lhe café, e chamou-o mansamente.

—Corra! disse elle sonhando, corra!

—E' café, tornou a negra; está esfriando.

—Ah ! já está esfriando ?...

Bravo ! ganhei.... é o az de copas !

Ext. da *Ideia*.

Tip. e Lithographia de A. Margarida.